

NOSSAS VIDAS SÃO DIFERENTES, NOSSAS LEITURAS, TAMBÉM

Bruna Paiva de Lucena (SE-DF)¹

Resumo: Nos três textos literários que foram trabalhados nesta comunicação, a saber: “Não vou mais lavar os pratos” (2000), de Cristiane Sobral, “Totonha” (2005), de Marcelino Freire, e “Bastou o meu CEP” (2016), de Meimei Bastos, a utilidade da leitura e da escrita foi problematizada e questionada, de modo a dar a ver outras perspectivas de enfrentamento dessa realidade, outras formas de leitura da vida. Se as vidas são diferentes, assim também são as formas de lê-la, interpretá-la, bem como são distintas as maneiras de se ler e interpretar os textos.

Palavras-chave: Escritas; Leituras; Lugar de Fala


O grande poeta popular Patativa do Assaré, em seu celebre poema “Cante lá que eu canto cá”, publicado a primeira vez em 1978, traz a seus leitores e ouvintes uma concepção de singularização das vidas, das formas de ver, das formas de criar e por que não, das formas de se ler a realidade. Ao dizer, “Pois você já tá ciente / Nossa vida é diferente / E o nosso verso também” (Assaré, 2002), o poeta ultrapassa a mera vontade de apartamento de dois mundos – o do sertão e o da cidade, o popular e o erudito, analfabetos e leitores –, e celebra a possibilidade de coexistência legítima de diversas formas de se estar no mundo, de encará-lo, de vivê-lo de forma digna.

A diferença é positivada pelo poeta, entendida como algo capaz de aumentar o mundo. Não é uma questão escamotear as diferenças, dizendo que todos são iguais, uma vez que isso seria quase dizer que seu mundo não existe, num exercício de uniformização pelo apagamento, porque, ao contrário, suas palavras assumem que é a diferença, visível e legítima, do mundo de lá.

O jogo de palavras e de sentidos que o poeta estabelece entre os de cá – seus iguais – e os de lá – seus diferentes – dá a ver o argumento ao qual o poeta responde, segundo o qual os de lá são aqueles que têm e os de cá, que não têm.

Nesse contexto de negatização da diferença, e mesmo de diminuição daqueles que não possuem, está o não domínio da palavra escrita e, conseqüentemente, da leitura. Vivemos em um país onde parte considerável é analfabeta, estima-se que essa parcela corresponda a 27% da população. Por volta de 13 milhões de pessoas no Brasil não

¹ Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SE-DF) e Doutora em Literatura e Práticas Sociais (UnB). A elaboração e a apresentação desta comunicação foram possíveis graças ao apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF). Contato: brunaplucena@gmail.com



escrevem o próprio nome ou lêem a identificação das ruas que ora e vez pisam. Em suas vidas, as palavras escritas são o desconhecido, o inatingível, sendo, em alguns contextos, o que os oprime.

Para nós que vivemos envoltos em palavras escritas, em um mundo polifônico de textos em papel e telas, o domínio da leitura e da escrita muitas vezes não perpassa nossos questionamentos como pesquisadores, já que a palavra é a substância sobre a qual corriqueiramente nos debruçamos. A prerrogativa do escrito e o imperativo do escriptocêntrico em nossos estudos não deixam também de denunciar nossa indiferença para o problema e o seu não enfrentamento. As seguintes indagações podem ser postas neste sentido: Mas não estamos tratando da literatura, da leitura? A literatura não pressupõe o escrito, a leitura e a escrita? A constituição da literatura já não implica a exclusão do que não se pode escrever e ler?

A resposta imediata a essas perguntas é SIM. Em nosso universo de preocupações, o não domínio da letra é entendido como algo a ser combatido exclusivamente no âmbito das políticas públicas da educação e cultura, pressupondo o estudo acadêmico da literatura a escrita e leitura de seus agentes e consumidores, sendo o literário calcado muitas vezes em bases unicamente escriptocêntricas, conforme comprova ampla pesquisa acadêmica realizada no âmbito da poética das vozes, a exemplo da empreendida pela estudiosa feminista Ria Lemaire. Os estudos literários conformam-se, de um modo geral, no que Antonio Candido designa de “direito à literatura”, e sua reivindicação é a da aquisição da alfabetização para a democratização do texto.

Saber ler e escrever é, inegavelmente, um bem simbólico, um capital cultural, que possibilita o acesso a um mundo. O domínio da cultura escrita é um índice de distinção social. Em um país com a imensa desigualdade econômica e social como o nosso, o direito a esse mundo é muitas vezes usurpado. Contudo, seria possível pensar, em um exercício de radicalidade discursiva, mas também existencial, na recusa objetiva a esse bem? Em uma negação à entrada no universo da escrita e no que ele representa? Em um exercício de questionar o *a priori* inquestionável?


Nesse sentido, se buscará nesta comunicação pensar sobre a problemática do acesso à escrita e leitura e do seu domínio, bem como o binarismo entre cultura/conhecimento escriptocêntrico (formulado no âmbito da cultura de elite) e cultura/conhecimento oral

(desenvolvido mediante uma cultura popular), que têm assumido nuances diversas em obras recentes de nossa literatura.

São três os textos literários que serão trabalhados no primeiro momento deste estudo, a saber: “Não vou mais lavar os pratos” (2010), da poeta carioca radicada em Brasília Cristiane Sobral, “Totonha” (2005), do escritor pernambucano Marcelino Freire, e “Bastou o meu CEP” (2016), da jovem poeta e *slammer* de Samambaia (DF) Meimei Bastos. A escolha por esses textos deu-se por neles a utilidade da leitura e da escrita ser problematizada e questionada, de modo a dar a ver outras perspectivas de enfrentamento dessa realidade, outras formas de leitura da vida².

Seria possível pensar, em um exercício de radicalidade discursiva, mas também existencial, na recusa objetiva à leitura e escrita? Em uma negação à entrada no universo da escrita e no que ele representa? Em um exercício de questionar o *a priori* inquestionável? Esse exercício é feito pelo escritor pernambucano Marcelino Freire em seu conto “Totonha”, publicado em 2005, no livro *Contos Negreiros*, ganhador do prêmio Jabuti de 2006. Este conto é narrado em primeira pessoa pela personagem que dá nome ao texto, Totonha, que, como em um palco, questiona o valor em sua vida de se escrever e ler, além de tratar essas ações como sinônimas de cooptação a um sistema de valores, de modo que se manter alheia a eles é significado como um ato de resistência. Ao final do conto, Totonha diz: “Não preciso ler, moça. A mocinha que aprenda. O doutor. O presidente é que precisa saber o que assinou. Eu é que não vou baixar minha cabeça para escrever”.

² Em um segundo momento desta pesquisa, que não foi compreendida nesta comunicação, além de buscar entender os posicionamentos tomados pelas personagens desses textos em face do domínio ou não do escrito, foi pensada a relação entre lugar de fala e formas e perspectivas de leitura de textos e da vida. Foram trazidas experiências de leitura em sala de aula de língua portuguesa da educação básica pública da periferia de Brasília. A problemática central que guia este estudo foi formulada no contexto de ensino e aprendizagem, em que nós, como docentes, nos deparamos com alunos pertencentes a diversas camadas sociais, econômicas e arranjos familiares. A pergunta “Qual o valor da letra na vida das pessoas?” esteve embasando todo este trabalho, que ainda está em fase preliminar de elaboração, mas que se propõe como um projeto de pesquisa a ser desenvolvido ao longo dos anos de 2017 e 2018. A análise destes textos foi guiada pela pergunta inicialmente esboçada “Qual o valor das palavras escritas e lidas na vida das pessoas?”, em que se buscou ler e ouvir essas histórias tentando apreender toda sua potencialidade questionadora do nosso atual contexto social de alfabetização e valorização da cultura unicamente escrita. Por fim, serão propostas em sala de aula atividades de leitura e interpretação com alunos da disciplina de língua portuguesa das três séries do ensino médio. Nestas atividades, será possível escutar alunas e alunos demonstrando o quanto sua perspectiva de vida interfere em sua perspectiva de leitura dos textos, o que enriquece enormemente os próprios textos literários e os trazem para diversos contextos de circulação. Mas nesta comunicação, esta etapa do estudo não foi incluída.




O tom do conto é o de resposta à afirmação-indagação: você não saber ler, você não sabe escrever; por que não aprende? A personagem está claramente rebatendo a isso: “Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso”. É claro o tom de desdém desaforado adotado pela personagem. O conto consiste justamente nesse espaço de resposta performática, em que a página funciona como palco para a encenação de uma possibilidade e não de uma única verdade, já que se suspende a ideia de totalidade ao se escancarar teatralmente os limites dos significados presentes na realidade.

Trata-se de um exercício retórico e teatral que, apesar de sua parcialidade, tem um importante caráter problematizador da segregação gerada pela diferença cultural – os que leem e escrevem e os que não. Como afirma Roland Barthes, “toda retórica visa a superar a dificuldade do discurso sincero”. E a parcialidade trazida pela retórica discursiva não só nos indica que se trata de um discurso que foge à sinceridade, para fugir ao julgamento, preconceito, discriminação, pena e lamentação.

Não se trata da possibilidade de escolha entre desfrutar ou não do mundo das palavras, mas na defesa do valor de quem não lê, até mesmo da defesa ressentida da sua existência. Essa poética anuncia performaticamente uma ambivalência de valores, já que para Totonha aceitar a cultura escrita parece ser aceitar uma unissonância cultural e existencial, baixar a cabeça a uma imposta cultura de elite. Ler e escrever servem para quê? Essa personagem recusa à experiência do aprendizado da língua, da escrita, da literatura, renuncia as funções da escrita e da leitura.

Assim, instauram-se gestos de negação ao planejado, ao discurso previsível. Totonha vira a mesa com um revide performático, como uma recusa perante o mundo da escrita. A incômoda alternativa escolhida pela personagem ganha corpo no texto, a despeito de na realidade seu discurso ser amplamente refutável. Daí se percebe o poder que a performatividade agrega a esse texto.

A performance é a estética adotada para a ressignificação de uma ausência, positivada pela personagem como uma outra forma de se viver, como uma falta para os outros, mas que para ela não existe, como “a geografia do rio seco” e “o risco da poeira”. Ela negligencia as implicações de não se saber ler e escrever no mundo prático, desfazendo-se dessa negatividade, e dá a ver a dispensabilidade das letras em sua vida: “Morrer, já sei. Comer, também. E vez em quando, ir atrás de preá, caruá. Roer osso de




tatu. Adivinhar quando a coceira é só uma coceira, não é uma doença. Tenha santa paciência!”, diz Totonha. A narrativa questiona o pressuposto da falta de quem não sabe ler e escrever e mesmo articula um gesto de extremo desprezo a quem dúvida da autossuficiência e totalidade de quem não domina as letras, ao mesmo tempo em que afirma a possibilidade de se viver sem sentir-se diminuída pelo não acesso ao universo da escrita.

A voz de Totonha nos impele a realizar o movimento que o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro denomina de dupla implicação, já que seu posicionamento carrega a potência de alterar o discurso de verdade segundo o qual ler e escrever são bens que todos desejam, havendo a “comum alteração dos discursos em jogo” (2002, p. 19). Uma leitura que não compreenda o discurso de Totonha como uma alteridade possível, vivível e verossímil desumaniza e mesmo destitui de valor um mundo não escriptocêntrico.

Fazendo também um movimento de negação combativa – que consiste em uma forma de superar a mera *negação constitutiva* e colocar-se em posição de combate, invertendo a ordem de valores estabelecidos historicamente, ameaçando e desestabilizando – a *slammer* brasileira Meimei Bastos diz em poema publicado em 30 de março de 2016 em uma rede social:

Eu num li Beauvoir,
fiz foi presenciar a covarde
“superioridade” masculina
nos roxos de minha mãe.
Foi daí que eu me inventei feminista,
sem nem saber,
que toda vez que me punha na frente
pra ele num bater
pra defender
com pouco mais de quatro anos
eu já lutava
contra o que tempos depois
iria conhecer pelo nome machismo.
Eu num li foi nada!
fiz foi viver!
ver,
veja! (Bastos, 2016)

Aqui, reivindica-se a aprendizagem pela experiência na carne e não mediada por livros. Contrapõem-se ler a viver, traçando-se uma dicotomia entre essas ações no que se refere às formas de se acessar ao mundo. As marcas da violência gênero são apontadas como a base para a formulação de uma consciência feminista, marcada essencialmente



por determinado espaço de classe, de gênero e de raça. O feminismo construído sem suas teorias, que são anteriores a sua prática, é tomado nesse poema como arma que se constitui a partir de uma experiência de vida, sendo a leitura apontada apenas como uma outra forma de conhecimento. Aqui a vivência é a partida para o pensamento.


Contrariamente a atitude de Totonha, e também da encenada no poema de Meimei Bastos, que se recusam a abaixar a cabeça para ler, no poema “Não vou mais lavar os pratos”, da escritora carioca radicada em Brasília Cristiane Sobral, abaixar a cabeça para ler, no sentido de adentrar e dominar o escrito, é um exercício de libertação, redenção de um espaço de servidão, e uma forma de acesso a um mundo feito para poucos, de liberdade e cuidado consigo³. Leio um trecho:

Não vou mais lavar os pratos
Nem vou limpar a poeira dos móveis
Sinto muito. Comecei a ler
Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
Não levo mais o lixo para a lixeira
Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos
a estética dos traços, a ética
A estática
Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros
mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante (Sobral, 2010).

Nesse poema, a relação entre empoderamento e acesso ao mundo escriptocentrico é clara. A distinção entre trabalho braçal e intelectual é posta e mesmo exagerada em um performance do eu-lírico, na tentativa de ressaltar a tomada deliberada de determinado pensamento perante a vida.

Em contraposição à personagem Totonha e ao eu-lírico de Meimei Bastos, esse poema festeja a libertação da vida doméstica, que no poema é destituído de significância para a vida, e a apropriação do bem simbólico que é a leitura significativa. A experiência na vida doméstica entendida nos outros poemas como fonte de conhecimento sobre a vida como um todo, é rejeitada performaticamente em “Não vou mais lavar os pratos”, em que o eu lírico faz uma elegia ao mundo escriptocentrico que acaba de entrar. A divisão entre

³ Em *Guia afetivo da periferia*, Marcus Vinicius Faustini (2009) liga o gesto de abaixar a cabeça para ler como um gesto de salvação, ao contrário de Totonha: “De súbito, uma pedra quebrou o vidro, passando por cima da minha cabeça. Estar lendo e encurvado no banco pelo cansaço salvaram minha cabeça de mais uma cicatriz”.



trabalho prático e intelectual é expressa entre as ações de lavar os pratos – metáfora de servidão e submissão – e ler – formulada como uma ação capaz de libertar, comparada ao final do poema com a abolição da escravidão. Aqui o contato e a apropriação da cultura escrita tem o poder de livrá-la do mundo ordinário e do trabalho não intelectual.

Esse conjunto de textos encena um território de disputas simbólicas que constituem o mundo da escrita e leitura e nos impele a pensar sobre as diferentes dimensões e envolvidas no dado “direito à leitura”. As três personagens, adotando estratégias argumentativas distintas, traçam formas de desconstrução e resistência às opressões que o mundo lhes apresentam, recusando-se ao vitimismo que os colocariam em um espaço de despossuídas de palavras, culturas. A altivez das personagens apresentadas são sintomas do empoderamento de mulheres que narram sua própria história.

Ao lermos esses três textos parece que estamos diante de corpos vivos que falam, que contam sua própria história, sendo o ato performático o recurso estético empregado para conferir verossimilhança e mesmo para adensar os textos. O jogo retórico e performático empregado nesses três poemas é o que de alguma forma nos permite pensar o binarismo entre cultura/conhecimento escriptocentrico e cultura/conhecimento prático.

Vale ressaltar, contudo, que consiste em um impasse retórico, encenado em performance, porque a escrita e a leitura não têm sido postas como possibilidades, das quais poderíamos nos apropriar ou não. Ao contrário, apresentam-se como privilégios, que são revelados pelo avesso pelo desdém de Totonha ou a supervalorização e superpoderes da leitura apontados pelo eu-lírico de Cris Sobral.

É quase impossível não avaliarmos o discurso que perpassa essas três narrativas como idealistas, parciais e utópicas. Contudo, as armadilhas ideológicas nos apontam para um exercício de radicalidade analítica que questiona a supremacia escriptocentrica, denuncia nossos preconceitos e apresenta existências fora do jogo de palavras.

Mesmo que em nós paire uma forte tendência a fazer uma elegia à escrita e leitura, esse não é o caso dessa comunicação, em que se buscou pensar os impasses, mesmo que apenas possíveis em um nível discursivo, retórico, performático. Buscou-se redimensionar os valor da cultura letrada e seu papel como criador de discriminações. Talvez o exercício seja não o de discriminar, mas o de positivar as diferenças e a coexistência de posicionalidades contrastantes, tendo em vista que o papel da educação é

não só ampliar os acessos a outras realidades, mas também redimensionar o que carregamos em nós mesmos. As hierarquias a que somos sujeitos durante a vida não devem ser capazes de nos retirar de nós mesmos, mas, ao contrário, podem ser o ponto de partida para que nós aprendamos a nos colocar no lugar de outros, neste caso, das pessoas que nunca escutarão ou lerão essas palavras, porém que, de alguma forma, as vivem e nos inspiram a viver além de nós mesmos.

Referências

ASSARÉ, Patativa [Antônio Gonçalves da Silva].[1978]. *Cante lá que eu canto cá*. 13ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BASTOS, Meimei “Bastou o meu CEP”, 2016 (*no prelo*).

CANDIDO, Antonio [1984]. Uma palavra instável. In: _____. *Vários escritos*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____ [1988]. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____ Clima. In: _____. *Teresina etc*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____ Exposición de Antonio Candido. In: PIZZARRO, Ana (coord.). *La literatura letionamericana como processo*. Buenos Aires: Association pour l’etude sócio-culturelle des Arts, des litteratures de l’Amerique Latina, 1981.

_____ O escritor e o público. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. 3ª. ed. *A literatura no Brasil* (v. 1). Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.


_____ *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____ *Iniciação à literatura brasileira* (resumo para principiantes). São Paulo: Editora Humanitas, 1997.

_____ *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (v. 1 e 2). 6ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____ *O discurso e a cidade*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

_____ Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.



FAUSTINI, Marcos Vinicius. *Guia afetivo da periferia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

FREIRE, Marcelino. *Contos Negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEMAIRE, Ria. *Passions et positions: contribution pour une sémiotique du sujet dans la poésie lyrique en langues romanes*. Amsterdam: Rodopi, 1988.

_____. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. Herói literário e historiador: caminhos cruzados nos prefácios de Casa-grande & senzala. In: GIUCCI, Guillermo *et al.* (orgs.). *Casa grande e senzala*. Edição crítica. Coleção Archivos, n. 55. Paris: Edições Unesco, 2002.

_____. Folheto ou literatura de cordel: uma questão de vida ou morte. In: *Anais do XII Congresso de Folclore*. Natal, Comissão Nacional de Folclore, 2007.

_____. Rer os textos – resgatar as vozes?. *Tradições populares açorianas*. Ponta Delgada-Açores: Ed. da Universidade, 2007.

_____. As verdades da verdade: o folheto entre oralidade e escrita. *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil: homenagem a Arnaldo Saraiva*. Porto: CITCEM – Edições Afrontamento, 2011.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010. (Coleção Oi Poema, v. 3), 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 1996.

_____. O nativo relativo. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2006.